

# CULTURA DA GRATUIDADE: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

## CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA GRATUIDADE EM DANÇA

Luciana Paludo<sup>1</sup>.

Quando iniciamos a pensar num tema inspirador para o V Encontro das Graduações em Dança do RS, estávamos conversando, Flavia, Carla e eu, no segundo semestre de 2015, a respeito de como as oportunidades de atividades gratuitas em Dança eram aproveitadas. Entre essas atividades estavam cursos e oficinas, espetáculos de dança e, até mesmo, a vaga pública para Cursos de Graduação em Dança.

Proponho compartilhar um pensamento que a minha vivência como trabalhadora da dança me fez compreender. Costumo dizer que sempre me empenhei muito em trabalhar, desde que coleí grau como bacharel e, depois, licenciada em dança. Para “honrar o investimento” financeiro de meus pais (e como isso pesava para mim); para me constituir como “ser trabalhador”; para fazer com que as

<sup>1</sup> Luciana Paludo é bailarina, bacharel e licenciada em Dança. Especialista em linguagem e comunicação. Mestre em artes visuais, doutora em Educação; é professora do Curso de Dança da UFRGS. Além do trabalho solo, realiza investigações coreográficas em colaboração com outros artistas. É, também, uma das idealizadoras do “Encontro das Graduações em Dança do RS” (2009; 2011), juntamente com Flavia Valle e Lucia Brunelli. É uma das organizadoras do V Encontro das Graduações em Dança, junto com Flavia Valle, Carla Vendramin e Cibele Sastre, que se juntou a nós no início de 2016!

comunidades em que eu estava habitando percebessem a atividade da dança como um trabalho e não [apenas] como um hobby.

Quando comecei a estudar os conceitos de Pierre Bourdieu, em 2004, já estava “no mercado peleando” há aproximadamente 13 anos. Tanto como professora, quanto como artista de dança. Penso que – intuitivamente – sempre operei com o conceito de *economia de trocas simbólicas* – mesmos antes de iniciar estudos dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu (2003), em “A economia das trocas simbólicas”<sup>2</sup>. Ressalto que as palavras que estão em negrito neste texto são termos que Bourdieu desenvolve como conceitos operatórios na referida obra.

Para o autor, pensar a produção artística pelo viés do **bem simbólico** não significa que estamos negligenciando os aspectos econômicos dessa produção. Ou seja, quando estamos pagando por - ou quando recebemos de forma gratuita - um trabalho de arte; ou quando estamos recebendo pelo nosso trabalho com arte, ou o estamos ofertando de maneira gratuita, podemos gerar as duas espécies de “bens”: simbólicos e materiais. Por exemplo, nosso **capital cultural simbólico** pode ficar ampliado ao assistirmos a um espetáculo de dança; ou, ao realizarmos um curso com algum profissional legitimado - em alguma instância, de igual forma, legitimada. E se pagamos ou não por esse curso ou por esse espetáculo, essa aquisição de **capital** se realizará.

Na lógica do autor que estou me referindo, a **legitimação** de um trabalho artístico depende da aceitação desse trabalho por *pares* que estão habitando o referido **campo**, bem como das **instituições** – e seus sistemas curatoriais – os quais chancelam e proporcionam visibilidade a essa produção. Ao tratarmos do campo da dança, podemos dizer que nosso campo é constituído por várias **instâncias de legitimação**. Por exemplo, os prêmios e os fundos de financiamento lançados em editais [de financiamentos para produções de montagem e/ou circulação de espetáculo; de ocupação de teatros etc.]; os concursos públicos para ocupação de vagas para docente; os festivais de dança; a participação da pessoa em curadorias etc. Ocupar um ou mais desses lugares que foram mencionados, por

<sup>2</sup> Lembrando que Bourdieu se inspira nas terminologias de Marx, na obra O capital, para fazer analogias com os bens e o capital simbólico.

exemplo, confere legitimação ao artista / trabalhador da dança . Isso, em acordo a Bourdieu aumenta o seu “capital simbólico” e, conseqüentemente o seu valor no campo.

**A seguir, relacionarei a discussão acima com o tema da gratuidade, ou seja, quando estamos na condição de ofertar nosso serviço de graça e/ou de receber algum produto [um curso, uma aula, um espetáculo, um livro etc.].**

**Do ofertar:** quando um trabalhador da Dança oferta o seu serviço para que as pessoas possam usufruir de maneira gratuita, vale perguntar: quem está pagando por isso? Muitas vezes, o público leigo não percebe que há um investimento – seja de um prêmio recebido via edital ou fundo, seja de um patrocínio privado. Ou, ainda, de uma disposição do próprio artista, para “gerar moeda de trocas simbólicas” e, de certa forma, aumentar seu capital no campo em que está inserido ou pretende se inserir.

Por exemplo, posso decidir fazer algo de forma totalmente gratuita, mas, no raciocínio que estou operando, pergunto: e o **valor simbólico** implicado nessa ação? Será que podemos / ou, o quanto que apostamos / em que medida podemos apostar nisso? E, ainda uma pergunta: será que estamos, ultimamente como trabalhadores da dança, em nossas respectivas habilidades, apostando alto demais apenas no investimento da oferta gratuita de nossos trabalhos? [justamente porque a moeda material anda escassa?]. N o “ideal dos mundos” seria justo que as parcelas dos investimentos e trocas simbólicas e materiais tivessem um real equilíbrio.

**Do receber:** faço o exercício de estar no papel de quem recebe um espetáculo ou uma oficina de forma gratuita. Pergunto: como posso “pagar” por isso? Que parcela simbólica deverei investir de meu capital, para que realmente se estabeleça uma troca? Se for troca, significa que preciso doar também [tempo, atenção, dedicação, assiduidade, no caso de ganhar uma oficina de maneira gratuita]. E, para complementar o ciclo dos investimentos, fazer “circular esse capital”, nas próximas “operações e investimentos” - quando dou aula, ou quando danço, por exemplo.

Deixo este texto com uma série de questões a serem resolvidas. Quis compor algo, como organizadora do V Encontro das Graduações do RS, que trouxesse indicativos de como se deu a escolha do tema. E trouxe aqui o aporte conceitual que me guia, nesse sentido. Não imaginei que o fluxo do pensamento poderia resultar nisso, mas, confesso: tenho tantas perguntas que preciso escrever mais. Sim, preciso resolver essas perguntas; e preciso elucidar os conceitos de Bourdieu que trago (em negrito) no esboço que lhes apresento. Mas, não será aqui. Trago esse texto como uma promessa, como um texto que necessita de prolongamentos, para que possamos pensar juntos. Para quem ficou curioso com o autor, além de recomendar a leitura de todo o livro [A economia das trocas simbólicas], ressaltaria os capítulos 3 e 6.

Compartilho, então, como possibilidade de continuar esta discussão, algumas perguntas: Como propor esse pensamento de "trocas" na cultura da gratuidade? Como fazer com que nosso trabalho tenha valor de mercado, no início de nossa empreitada no campo da dança? Como fazer com que nosso capital cultural circule no campo e angarie um certo valor? Valor estético é um valor simbólico, mas, pode reverter em bem econômico, quando instâncias de legitimação o respaldar.

#### Referência

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.